



Jorge Alan Maciel de Souza*

RESUMO

Em momentos de crise cultural, social e política, a pergunta “o que é o homem?” faz-se necessária. Nesse sentido, este artigo científico tem como objetivo analisar o pensamento de Soren Kierkegaard acerca de problemas existenciais a partir da investigação bibliográfica de suas obras, enriquecendo a pesquisa com outros autores e comentadores que ajudarão a compreender o pensamento do filósofo dinamarquês. Em um primeiro momento, apresentou-se o existencialismo introduzindo linhas gerais da filosofia de Kierkegaard, e posteriormente o tema propriamente dito. O conteúdo do trabalho aborda a dimensão temporal do homem até alcançar, precisamente, os estágios existenciais, centro do pensamento kierkegaardiano. Para tanto, abordou-se também conceitos que ajudarão na compreensão do tema, a fim de que o leitor mergulhe frutuosamente em seu pensamento.

Palavras-chave: Homem. Subjetividade. Indivíduo. Existência.

The meaning of life and its relation to the Transcendent in Soren Kierkegaard

ABSTRACT

In times of cultural, social, and political crisis, the question "what is man?" becomes necessary. In this sense, this scientific article aims to analyze Soren Kierkegaard's thought about existential problems from the bibliographic investigation of his works, enriching the research with other authors and commentators who will help to understand the thought of the Danish philosopher. In a first moment, existentialism was presented, introducing general lines of Kierkegaard's philosophy, and later the theme itself. The content of the work approaches the temporal dimension of man up to the existential stages, the center of Kierkegaard's thought. To this end, concepts that will help in the understanding were also approached, so that the reader may dive fruitfully into his thought.

Keywords: Man. Subjectivity. Individual. Existence.

O sentido da vida e sua relação com o Transcendente em Soren Kierkegaard

1 Introdução

O existencialismo cristão de Kierkegaard no século XIX talvez seja a primeira forma do existencialismo como conhecemos hoje. Sua vida e sua filosofia não se separavam, eram uma só, e todas as suas experiências vividas eram transformadas em caminhos existenciais. O pensamento existencialista, vale ressaltar, é subdividido em duas principais linhas de pensamento, o existencialismo cristão defendido pelo norueguês Soren Kierkegaard e o existencialismo ateu representado principalmente pelo filósofo francês Jean Paul Sartre.

A filosofia de Kierkegaard sofreu grande influência do movimento conhecido como romantismo, iniciado no final do séc. XVIII e que se estendeu até a metade do séc. XIX. O caráter romântico dessa corrente existencialista é disseminado como uma resposta ao espírito racionalista e ao modelo hegeliano da época, que tinha como máxima: “todo o real é racional e o racional é real”. É por esse motivo que a filosofia existencialista defendida por Kierkegaard é investida de um caráter emocional, em que se evidencia a angústia, o desespero, a ética e todos os dramas do homem que, para Kierkegaard, não é constituído apenas de racionalidade, mas é, em sua essência, subjetividade.

Cada filósofo existencialista tem suas peculiaridades e seus traços característicos resultados de sua própria vivência. Kierkegaard, por exemplo, sofreu grande influência da religião luterana, herança de seu pai, um homem rigoroso e de costumes tradicionais. Por isso, um dos traços que caracterizam seu pensamento filosófico é a sua profunda relação com a fé.

O objetivo da reflexão do existencialismo não é apenas o comportamento do homem, capaz de ser compreendido por cientistas sociais, mas, antes de tudo, é a reflexão sobre a existência e a maneira de ser do homem, única em cada indivíduo. O existencialismo é uma resposta a todo modelo acabado proposto pelas ciências, levando o homem ao plano da interioridade e da busca do sentido primordial do próprio eu. De acordo com Nicola Abbagnano, em seu *Dicionário de Filosofia*, o existencialismo é:

O modo de ser do próprio homem enquanto é um modo de ser no mundo, isto é, sempre em uma situação determinada, analisável em termos de possibilidade. A análise existencial é, portanto, a análise das situações mais

comuns ou fundamentais em que o homem vem a encontrar-se (ABBAGNANO, 1982, p. 382).

Nesse sentido, o homem não é determinado e impedido da capacidade de escolha por alguma força divina, mas é ele próprio que está a construir-se na existência, mediante a subjetividade que é a guia da liberdade. Uma das principais máximas do pensamento existencialista é de que “o homem está condenado a ser livre” (SARTRE, 1987, p. 9). Contudo, essa liberdade é guiada pela subjetividade através do princípio da responsabilidade. Nesse sentido, o homem é construtor da sua própria existência e deve ser consciente de que suas escolhas não são responsabilidade do outro, de uma instituição ou mesmo da influência divina. Assim, o outro não é culpado por aquilo que me tornarei, mas somente eu, indivíduo detentor de liberdade. A responsabilidade é sempre do sujeito que detêm a possibilidade de escolher.

Podemos perceber que o existencialismo, de forma geral, tenta recuperar a singularidade do homem e que a subjetividade, a liberdade e a responsabilidade permeiam toda filosofia existencialista. É imperioso destacar a importância que teve o pensamento cristão representado por Soren Kierkegaard para o existencialismo, sendo ele considerado o precursor dessa corrente filosófica que reflete acerca do sentido da vida humana, preocupação expressa por Heidegger ao anunciar possíveis consequências que a ascensão da Revolução Industrial e Tecnológica desencadearia. Outro fator que propiciou o pensamento existencialista no século XX foram as barbáries causadas pela Primeira e Segunda Guerras Mundiais, que trouxeram mais uma vez o homem para o centro das reflexões dos grandes intelectuais da época, destacando-se o francês Jean Paul Sartre e a alemã Hannah Arendt.

2 O homem entre o finito e o infinito

Visto que o homem carrega o peso de ser finito, tende a reclamar a eternidade: a verdade é que todos os homens desejam a imortalidade, uns utilizando a razão, outros a fé. Essa reclamação evidencia a necessidade do homem de entender a si próprio. Na história muitos pensadores negaram a ideia do homem possuir uma dimensão eterna e transcendente. Porém, existe algo de contraditório no pensamento

daqueles que sustentam tal convicção, uma vez que o esforço por ser lembrado na história, através da sua vida e de seu pensamento, evidencia o desejo de ser eterno. O paradoxo está na tentativa de tornar-se eterno negando a eternidade.

É sabido que nossa condição humana é incompleta e limitada, porém, enquanto ser o homem possui uma porção divina que o possibilita realizar uma síntese que o complete. Nesse sentido, Kierkegaard escreve: “O homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em suma, uma síntese. Uma síntese é a relação de dois termos. Sob este ponto de vista o eu não existe ainda” (KIERKEGAARD, 1988, p. 195).

O que importa é sempre o presente, pois a construção do herói acontece no agora, no instante. Não importa o que o tempo fará do homem, o que interessa é o que o homem fará do tempo. As pessoas dizem que nunca tem tempo para nada, correm de um lado para outro sem realizar o indispensável exercício da reflexão. Assim, o indivíduo é obrigado a encontrar-se com seu eu que a cada dia envelhece, enfraquece e perece, mas que deve ser conhecido. É verdade, com efeito, que existem muitas pessoas com nomes de João e Maria, mas nenhum João é igual ao outro e nenhuma Maria é como a outra no que tange a sua existência. Ninguém existe de modo igual a outro, por isso cada um deve buscar sua vocação, seu eu.

A filosofia de Kierkegaard defende uma existência vivida com autenticidade, através da capacidade de construir um projeto de vida pautado na verdade de si mesmo e isso só é possível quando se aprende com os insucessos de suas escolhas. O tempo, com efeito, possibilita ao homem aprender a partir dos seus próprios erros. Desse modo, ao ouvir o eco da vida, o homem torna-se capaz de aprender com seus fracassos e experiências. Porém, toda essa vivência só tem razão de ser quando ele escuta a eternidade.

A relação com o transcendente é realizada no tempo, pois o homem torna-se eterno no temporal ao buscar a verdade por meio da fé. Essa busca da verdade existencial pode se tornar um perigo ao indivíduo que se deixar guiar unicamente pela subjetividade, já que essa busca exige do próprio homem a capacidade de transcender a si mesmo, deixando-se guiar pela fé como orientadora da subjetividade. O homem torna-se eterno no tempo porque pode chegar à eternidade através da sua fé. Motivado por essa vontade de eternidade, ele muitas vezes entra em guerra contra suas próprias vontades.

O pensamento kierkegaardiano não se detém na busca do homem em um nível puramente conceitual: sua preocupação está centrada naquilo que o homem tornar-se-á, demonstrando, com isso, que a liberdade é algo fundamental. O homem deve construir-se no indeterminado, nunca como um ser pronto e acabado, pois ele é sempre um vir-a-ser. É através da liberdade que o homem, a partir de um esforço pessoal, pode vencer seus ímpetos animais e encontrar em sua existência um sentido mais sublime. A busca de Kierkegaard, assim, se depara com um paradoxo, oriundo do fato que o homem é determinado a ser livre ou, nas palavras de Sartre, “estamos condenados à liberdade” (SARTRE, 1997, p. 597).

É na busca dessa verdade que o homem, no decorrer de sua história, encontra-se imerso nas possibilidades a serem vividas. Os estágios existenciais de Kierkegaard, vale ressaltar, não são graus que podem ser percorridos do menor para o maior, mas sim modos de vida em que todos os homens estão inseridos. Dessa forma, o homem situa-se em diversos modos de vida, a saber, o estágio estético, o ético e o da fé. É nesses estágios que o homem irá exercitar sua liberdade ao escolher o que quer viver, a fim de descobrir progressivamente o seu lugar na história e a razão de sua própria existência. O homem se constrói no campo da subjetividade, pois aceitar verdades prontas e acabadas não o eleva ao transcendente. Farago, sobre a busca da verdade existencial, diz:

A verdade da existência não se entrega de uma vez, e sim por etapas sucessivas, ao longo de uma caminhada, de uma história que somente a morte surpreende em seu não acabamento constitutivo. Portanto, importa menos começar do que recomeçar sempre de novo, passar de um “momento” ao outro, dialeticamente, em uma ascensão rumo a si mesmo, sem que jamais se conclua no tempo o processo ao qual a própria vida nos destina. Não se poderia, por conseguinte, encerrar em um esquema aquilo que por definição lhe escapa (FARAGO, 2006, p. 69).

O prazer é a principal característica do estágio estético, pois ele é a satisfação no imediato. Kierkegaard, em sua obra *Diário de um Sedutor*, apresenta um homem que vive sensualmente e que está em busca do prazer a todo custo, ainda que para isso tenha que usar os outros como objetos. A obra fala do empenho do personagem, que tem como meta a conquista de uma jovem chamada Cordélia, usando várias artimanhas para possuí-la. A obra apresenta várias facetas da vida e o filósofo dinamarquês destaca não apenas realidades amorosas, mas comunica que essa

paixão do homem também é profissional, econômica e social ao retratar que o esteta, por meio de artimanhas, utiliza as pessoas como objeto para suas conquistas.

O homem, sendo limitado e finito, sofre ao tentar alcançar o infinito em realidades efêmeras. Assim, o homem estético nunca está satisfeito e sua alegria é fugaz, pois sabe que logo ela acabará.

Logo que a realidade perdia a sua importância como estimulante, ficava desarmado, e nisso consistia o mal que o habitava. Tinha consciência disso, mesmo no momento do estímulo, e o mal estava nessa consciência. (KIERKEGAARD, 1979, p. 30).

O estágio ético é caracterizado pela vida equilibrada do homem que vive harmoniosamente com as leis morais a ela submete-se. Este é superior ao estágio estético, pois conserva valores que o esteta não sustenta, quais sejam, o compromisso, a constância e a responsabilidade. Na esfera ética, o homem ainda não é indivíduo, porque nesse estágio o valor que os outros têm a respeito do indivíduo são mais importantes do que o que o indivíduo possui sobre si mesmo.

Por isso, o homem que pauta sua vida em normas ditadas por outros age assim por achar que esse é o modo correto de se viver. A garantia de que alguém cumpre seus deveres são os elogios feitos por aqueles que convivem com ele, de tal modo que a lógica é simples: se alguém agrada a sociedade, recebe algum tipo de reconhecimento social que faz dele alguém de bom caráter.

Diante disso, o homem ético corre o risco de tornar-se um alienado, pois ele vive uma vida segundo leis externas a ele em vista da aprovação social, podendo muito facilmente ser enganado por ideologias apenas para ser aceito socialmente. Desse modo, o estágio ético não torna o homem autêntico por ser este um estágio da alienação em que o individual é suplantado pelo social, âmbito que faz dele um fantoche existente na forma de homem.

Assim, o problema central do estágio ético é que o homem exclui sua singularidade e isso o conduz ao estado de angústia, pois ele é essencialmente um ser singular, e a vida social o dilui em um mar de outras singularidades suprimidas. Entretanto, ainda que o homem opte por continuar no estágio ético, fazendo da sua existência o que os outros querem, a vida em algum momento pode pô-lo a prova e tirá-lo do conforto de deixar que outros decidam por ele, assim como aconteceu com

Abraão: “E Deus pôs Abraão à prova e disse-lhe: toma o teu filho, o teu único filho, aquele que amas, Isaac; vai com ele ao país de Moriija e, ali, oferece-o em holocausto sobre uma das montanhas que te indicarei” (KIERKEGAARD, 1988, p. 119).

No seu discurso sobre Abraão, o filósofo dinamarquês deixa evidente que o estágio da fé pressupõe uma escolha baseada em valores eternos e que optar pelo transcendente seria como dar um salto no escuro, pois fé é acreditar sem ver ou ter grandes garantias. Desse modo, para Kierkegaard, o sacrifício é uma característica da vida cristã que possibilita a elevação existencial, pois ele purifica as escolhas e fortalece o espírito.

Mas que fez Abraão? Não chegou nem demasiado cedo, nem demasiado tarde. Albardou o burro seguindo, lentamente, o caminho marcado. Durante todo esse tempo conservou a fé, acreditou que Deus não lhe queria exigir Isaac, estando, no entanto, disposto a sacrificá-lo se tal fosse indispensável (KIERKEGAARD, 1969, p. 219).

Em Kierkegaard, o estágio da fé é o estágio do absurdo porque não se pode compreender a fé pela razão, mas apenas por meio da interioridade livre do homem. Nesse sentido, buscar uma resposta no absurdo da fé é lançar-se nas profundezas do próprio eu, onde a racionalidade científica não alcança.

A existência do homem torna-se autêntica na medida em que ele se torna um indivíduo singular. Com isso, o estágio da fé dá ao homem a oportunidade de ser o que é sem excluir sua individualidade, pois é ela que se encontra com Deus. Assim, somente a fé possibilita ao homem ver Deus face a face: ou seja, o estágio da fé permite o encontro de duas individualidades e o enfrentamento do finito com o infinito.

O amor de Deus é, para mim, a um tempo na razão direta e na razão inversa, incomensurável com toda a realidade. Mas nem por isso tenho a fraqueza de me entregar a lamentações nem a perfídia de negar que a fé seja algo de muitíssimo elevado (KIERKEGAARD, 1969, p. 217).

Desse modo, o estágio religioso toma forma à medida que a busca do homem não se reduz a realidade externa, material e imanente, mas volta-se ao interior, subjetivo e transcendente. Assim, toda busca humana toma um sentido novo e todos os sacrifícios estão atrelados ao melhoramento do próprio sujeito que ao olhar para seu interior encontra o próprio Deus, sentido de sua existência.

O mais importante é que através dos estágios existenciais Kierkegaard fala aos homens de todos os tempos, a todos aqueles que questionam o sentido mais profundo da vida humana. O homem é livre para construir-se, mas este caminho não deve ser feito desconexo da dimensão interior, pois é a interioridade que impede o homem de tornar-se um animal.

Em Kierkegaard o homem deve tornar-se indivíduo no sentido conceitual da palavra, pois está “ao alcance de cada um tornar-se o que é, um Indivíduo; absolutamente ninguém está excluído de o ser, exceto quem se exclui a si próprio, tornando-se multidão” (KIEKEGAARD, 1986, p. 102). Está ao alcance do homem tornar-se mais um alienado ou superar a grande multidão infértil em reflexões, tornando-se singular. Sua preocupação preconizava a sociedade que se instaurou nos seus dias, marcada pela valorização da busca por aceitação pela maioria das pessoas, diluindo o singular no coletivo.

O homem escolhe o bem ou o mal a partir da liberdade que lhe é inerente. Desse modo, tudo depende de sua capacidade de ser ele mesmo quem decide sobre o que é melhor para si, não em uma perspectiva individualista, mas autônoma em relação as falácias do seu tempo. O homem é singular porque este caminho de construção de si próprio não pode ser feito por outra pessoa. Nesse sentido, não posso pedir a um amigo que me torne um indivíduo melhor, mas sou eu que livremente escolho ser bom ou mau.

Esse homem possui uma dimensão que não pode ser tomada apenas no âmbito racional, pois diferentemente do que pensava Hegel, nem tudo o que é real é racional. Desse modo, o homem social é criação do homem individual que deixou de ser singular e que depois de ter concebido o homem-multidão descansou, pois ele não precisa mais ter o trabalho da escolha.

3 O salto como uma mudança angustiante

Kierkegaard apresenta a tensão dessas escolhas nos estágios existenciais ao falar sobre o salto que o homem deve dar para passar de um estágio para o outro. Nesse sentido, o indivíduo, ao ingressar em um novo modo de vida, deve abandonar o que é próprio do estágio vivido anteriormente para abrir-se ao novo. Essa mudança

exige muito do indivíduo, assim como narra a alegoria da caverna de Platão. O homem ao se deparar com o novo sofre por estar acostumado com a vida que antes tinha.

O que aconteceria se eles fossem soltos das cadeias e curados da sua ignorância, para ver se, regressados à sua natureza, as coisas se passavam deste modo. Logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz, ao fazer tudo isso, sentiria dor, e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objetos cujas sombras via outrora (PLATÃO, 2014, p. 211).

O salto para um novo estágio exige do homem não apenas uma abertura para o novo, mas um rompimento com o velho. Porém, esse não é um rompimento total, já que o homem leva muita coisa anterior consigo. Dessa forma, aquele que salta para outro modo de vida não é outro indivíduo, é o mesmo que, porém, existe de maneira diferente. Esse salto é sempre um risco, é como uma aposta, pois a única coisa que se pode fazer depois da aposta é torcer para que a escolha feita tenha sucesso. É por ser arriscada que esta mudança de um estágio para o outro sempre provoca tensão e a angústia inerente à escolha.

O salto diz respeito a uma escolha feita com os olhos vendados, ou seja, realizada apesar das incertezas dos frutos dessa decisão. Assim, a fé deve guiar o indivíduo para seu sentido existencial, e Kierkegaard, como um profeta da existência, percebe que o homem moderno caminha para o nada. Desse modo, o que dá sentido à vida é descobrir o seu próprio sentido.

O que me falta é ter a clareza comigo mesmo sobre o que devo fazer e não sobre o que devo conhecer, a não ser na medida em que ideias claras devem preceder toda ação. Trata-se, para mim, de compreender qual é a minha vocação, ver o que a providência quer propriamente que eu faça. Trata-se de encontrar uma verdade que seja verdade para mim, encontrar a ideia pela qual eu possa viver e morrer. (KIERKEGAARD *apud* FARAGO, 2006, p. 31).

Considerações Finais

A crise antropológica que vivemos evidencia a importância do pensamento de Kierkegaard e ainda que separados por mais de quatro séculos, os questionamentos acerca do homem nunca foram tão atuais. Como um profeta existencial, o filósofo soube interpretar o homem de todos os tempos a fim de refletir sobre os desafios da

existência humana e iluminar os rumos do pensamento, trazendo para o cenário filosófico novos paradigmas, com o pensamento existencialista.

A proposta do existencialismo, nesse contexto, é que o homem tome consciência de sua condição atual para que assim possa dar saltos livres e coerentes rumo ao seu próprio melhoramento. Essa foi a mensagem de Kierkegaard aos homens de todos os tempos, fazendo da sua própria vida um exemplo concreto de busca da verdade.

Para adentrar o nosso tema, “o sentido da vida e sua relação com o transcendente em Soren Kierkegaard”, recorreremos a diversas obras do autor que, tal como em um quebra-cabeça, nos ajuda a compreender suas reflexões acerca do homem.

Por fim, Soren Kierkegaard mostra-nos a necessidade de seu pensamento na atualidade. Vivemos em uma sociedade marcada pelas desigualdades sociais, relativismo e globalização da indiferença, que cada vez mais distancia o homem da verdade. Desse modo, apenas uma reflexão mais aprofundada acerca da individualidade e da interioridade do homem pode resgatar a compreensão mais profunda da vida. Para tanto, a liberdade tem um papel fundamental na mudança e na transformação do indivíduo, tarefa que nem sempre é fácil e que muitas vezes é angustiante e necessária para a construção do homem-novo.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

DACOREGIO, A. A. **Os Modos de Vida em Kierkegaard**. 2007. 93f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2007.

ESPINOSA, B. **Ética demonstrada à maneira dos geômetras**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

FARAGO, F. **Compreender Kierkegaard**. Petrópolis: Vozes, 2006.

GUSTAVO, M. **Kierkegaard e os três estágios da existência humana**. 2012. Disponível em: <http://filosofiaeliteraturacomvinhotinto.blogspot.com.br/2012/08/kierkegaard-e-os-tres-estagios-da.html>. Acesso em: 27.out.2022.

KIERKEGAARD, S. A. **Diário de um sedutor**. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores).

KIERKEGAARD, S. A. **O desespero humano**. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores).

KIERKEGAARD, S. A. **Temor e Tremor**. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).

KIERKEGAARD, S. A. **Temor e Tremor**. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores).

PLATÃO. **A República**. 3ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores).

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

Recebido em: 24.08.2022.

Aprovado em: 23.09.2022.